



Romeu Correia

O ANDARILHO
DAS SETE
PARTIDAS



REPERTÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES

**O Andarilho
das Sete Partidas**

Sátira em 2 actos e 12 quadros

de

ROMEU CORREIA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 4.º CENTENÁRIO
DA MORTE DE FERNÃO MENDES PINTO

LISBOA — 1983

Este texto descreve a vida quotidiana em Almada na segunda metade do século XVI. Uma parcela da existência de Fernão Mendes Pinto — vinte e um anos de paz doméstica que decorrem entre 1562 e 1583, no sítio do Pragal — é teatralizada numa versão muito livre e algo atrevida.

Algumas personagens verídicas, assim como factos e datas de todos conhecidos, servem de suporte à efabulação desta sátira.

Transcrevem-se e mimam-se várias passagens da *Peregrinação*. Os versos que se cantam na festa da vindima são construídos sobre frases de Gil Vicente extraídas dos autos. A reza a Santa Bárbara pertence à tradição popular.

Um clima de simplicidade rústica percorre o texto, que se deseja transmitido com poesia e ingenuidade. Cenários e figurinos de tons neutros. Quanto à criação animada da obra do escritor, deve-se recorrer à exuberância de colgrido e de sons orientais.

PERSONAGENS:

Fernão Mendes Pinto
Maria Correia de Brito, sua mulher
Catarina } Filhas do casal
Joana }
Simoa }
Pêro Carriço } Servos
Rita }
Tanoeiro
Telmo Pais
Felícia, a aparadeira
Francisco Xavier
Francisco de Andrade
Mem Taborda
Fernão Jovem
Menino
Noiva
Bonzo Maior
1.º Velho
2.º Velho
1.º Chim
2.º Chim
Ermitão
Frade Mendicante

e ainda outros: corsários, noivo, chins, japões, bonzos e mais figuras para a apoteose final.

Todos os personagens podem ser dobrados, havendo três excepções: Fernão Mendes Pinto, Maria Correia de Brito e Catarina.

A acção decorre nos anos de 1562-1563-1568-1575-1577-1578-1580-1582-1583.

Cenário único para os dez quadros. No início de cada acto, um telão e vários adereços criam outros ambientes.

I ACTO

1.º QUADRO

(Pátio de casa rústica no sítio do Pragal, arredores de Almada. Manhã primaveril de 1562. Todo o espaço está ocupado por pipas, selhas e instrumentos agrícolas. Roupas e trapos em desalinho, restos de mobília e uma tela rota. Ervas e flores brotam do chão pouco pisado.

No início, chegam-nos os ruídos de animais na quinta)

SIMOA *(serva de 38 anos, gorda, entra com dois cestos cheios de livros grossos, encadernados em pele. Vem derreada, coberta de suores. Berra pelo caseiro)* — Pêro Carriço! Carriço!... Onde te prantaste, maldito? Maltês que me roubas o sono! *(Põe os cestos em terra, retira o lenço e abana-se)* Carriço!... Pêro Carriço!...

PÊRO CARRIÇO (*servo de 65 anos, magro, envelhecido, transportando um balde de madeira, entra abespinhado*) — Que gritos! Que lambança! Parece fogo na quinta!...

SIMOA — Onde estavas, alma danada? Não ouvias chamar por ti? Venho aos berros pelo caminho...!

PÊRO CARRIÇO (*poisando o balde*) — A mugir a vaca! Agarrado às tetas do animal! A trabalhar! Porquê? Não estão a toda a hora, na vila, a berrar pelo leite, pelo trigo... e por todas as frutices da quinta?

SIMOA — E daí? Que têm as tuas obrigações com as minhas goelas secas de chamar por ti?

PÊRO CARRIÇO — Estava agarrado às tetas da vaca, já disse! (*Aponta para os cestos*) Que trazeis nesses cestos, Simoa?

SIMOA (*retira grossos livros, com certo orgulho*) — Papéis! Papéis mui ricos e forrados de belas peles! Coisas de grande qualidade e estimação!

PÊRO CARRIÇO (*tenta mexer nos livros*) — Pele de boi a enrolar papéis? Em vida minha não mirei igual estragação!

SIMOA (*joga-lhe uma palmada*) — Arredai! Arredai as patas da mercadoria! Eu não quero os papéis

besuntados pelas tuas manápuas! Ao largo, Pêro Carriço, ao largo!

PÊRO CARRIÇO (*ofendido*) — Que pelinha tão rica para os arreios da minha égua! Que estragação! Enrolar papéis em cabedais!

SIMOA (*desprezível*) — Atreves-te a maldizer dos gostos do nosso amo? Velho piolhoso! Ao que chegou o nosso curral! A invejar as peles para os arreios da égua! (*Exibe um livro*) Primeiro que tu queria eu estes cabedais para umas botas! (*Resmungo*) Tento na língua, Pêro Carriço, e guarda respeito ao nosso novo amo, senhor Fernão Mendes!

PÊRO CARRIÇO — Pelinha de animal para enrolar papéis!

SIMOA — Praga maior podia rogar eu contra esta mudança, que me esfolia em vida! Da vila para o Pragal e do Pragal para Almada! Este casamento da menina tem-me arrancado lágrimas e suores!

PÊRO CARRIÇO (*explode*) — Casamento! Casamento! Porque não ficam os noivos na casa da vila? Porque teimam em voltar para a quinta do Pragal?

SIMOA — Manda quem pode! Esta casa é deles e tem que ficar varrida e arejada para receber os novos senhores.

PÊRO CARRIÇO — E tudo a mata-cavalos? Tudo a correr, tudo aos gritos? Maldito casamento! Agora já não têm medo das almas penadas da casa do Pragal?

SIMOA — Esta casa e esta quinta pertencem a suas senhorias! Toma tento nisto! A senhora dona Brites morreu aqui no Pragal... e o senhor e a menina mudaram-se para a vila. Agora com este casamento tudo volta à mesma, e tu tens que ir dormir para o sótão da adega.

PÊRO CARRIÇO — A menina e o fidalgo não têm medo da casa?

SIMOA — O senhor Fernão Mendes é um valente cavaleiro que nada receia. Um homem dos antigos, Pêro Carriço! (*Trocista*) Acabou a tua santa vida!...

PÊRO CARRIÇO — Santa vida? Chamas santa vida a isto? Quem cava de sol a sol? Quem semeia e colhe todas as frutices deste chão? Quem ficou aqui depois da morte da senhora dona Brites? E de olhos bem abertos, ouviste, Simoa? De olhos bem abertos... e sem cagaço da morta!...

SIMOA (*persignando-se*) — Abrenúncio!

PÊRO CARRIÇO (*divertido*) — Só de falar na graça da morta... (*Grita a rir*) Senhora dona Brites Correia de Brito! Aparecei, senhora dona Brites!...

SIMOA — Cerra essa boca, filho do Demo! Respeita quem te dá o pão e o agasalho! Guarda em oração a memória dessa santa senhora!

PÊRO CARRIÇO (*pega no balde e retoma a galhoja*) — Fugistes desta casa como se morasse cá o Mafarrico! Abalaram todos!... A senhora morreu ali no quarto, e mal saiu o enterro para a igreja da vila, pés para que vos quero... ninguém mais quis dormir no Pragal!

SIMOA (*corajosa*) — Mas vão regressar, Carriço ingrato! Os novos senhores vão voltar, e tu vais desentulhar aquelas casas e portas e janelas! Até domingo tudo aqui deve ficar desimpedido e arejado!

PÊRO CARRIÇO — Raios me partam, se entendi com quem casou a Mariazinha! Só dei fé que casou na igreja da vila com um fidalgo de Lisboa que veio das Índias.

SIMOA — Nada conheces das ricas famílias que vivem em Almada!

PÊRO CARRIÇO — Eu não conheço os fidalgos da vila?

SIMOA — És um bicho metido na toca. Passam semanas que não vais a Almada. É mentira? A Lisboa, foste alguma vez, Pêro Carriço? A Lisboa... pelo mar, com aquelas ondinhas...

PÊRO CARRIÇO (*amedrontado*) — A Lisboa, não! Não quero ir a Lisboa!... Não gosto de caminhar pelas águas!... A cidade miro-a mui bem do alto da rocha!

SIMOA (*na mó de cima*) — Medinho do rio! Se pulasses para uma falua arribavas no Terreiro do Paço todo cagado!

PÊRO CARRIÇO (*muda de assunto*) — A casa do Pragal não pertence a esse fidalgo!

SIMOA — Pertence, meu asno!

PÊRO CARRIÇO — Pertence, como?

SIMOA — O senhor Fernão Mendes ao casar com a Mariazinha... ela entregou-lhe esta casa e a quinta como dote seu. Percebeste agora? Ele é o novo senhor a quem deves obediência. Mete na cabeça a graça do teu amo: Senhor Fernão Mendes Pinto.

PÊRO CARRIÇO — Pinto? Julguei que fosse galo! Maldito! Porque não foi o fidalgo para Lisboa ou para a terra que o viu parir?

SIMOA — O senhor Fernão Mendes Pinto — de sua graça completa — é um valente cavaleiro de

muitas letras, que entende qualquer papel prantado diante dos olhos. Escreve, escreve que se desunha. Andou por todos os mares do mundo, venceu batalhas, serviu reis das bandas de lá do sol posto... e foi amigo e companheiro de santinhos que se adoram nos altares. *(Solene)* E se te digo isto tudo, Pêro Carriço, é para que saibas a que senhor deveis obediência e respeito.

PÊRO CARRIÇO *(desalentado, com lágrimas na garganta)* — Há que anos vivo aqui com os meus animais! Vou sair da minha casa? Maldito casamento, malditas novas que me dás, Simoa!

SIMOA *(compadecida)* — Não acredites qu'o casamento me dá sossegos de coração. A menina está à minha guarda desde a morte de sua mãe, a senhora dona Brites. Ao pai, o senhor Diogo Correia, embarcado nas naus da Índia, pouco ou nenhum tempo lhe sobra para a vida da família. Lá embarcou para as ilhas, mal os noivos saíram da igreja. *(Orgulhosa)* Há anos que sirvo esta família. Cheguei a esta casa, era uma catraia de doze anos. Lembras-te, Pêro Carriço? Hoje sou uma mulher de trinta anos...

PÊRO CARRIÇO *(por entre dentes)* — Trinta? Eu boto-lhe uma dúzia em riba!...

SIMOA — A tua enxerga, os teus trapos e panelas, têm que abalar desta casa. Vai para a cavalariça ou para a adega. O senhor Fernão Mendes já me disse que podes dormir no sótão da adega. No domingo, depois da missa, os noivos vão regressar ao Pragal.

PÊRO CARRIÇO — Abandonam a casa da vila com uma vista tão desafogada?

SIMOA — Tens sete dias para assear estas paredes e pô-las a cheirar a alecrim, Pêro Carriço.

PÊRO CARRIÇO — E quem vai dar ao braço a varrer e a limpar?

SIMOA — Amanhã vem a Rita e mais duas mulheres da vila.

(Ouve-se fora de cena uma sineta tocada por um frade mendicante, que acaba por aparecer miseravelmente vestido, empunhando um mealheiro com o retábulo do santo)

FRADE *(numa lenga-lenga)* — Mandai vossos filhos e filhas, escravos e escravas, à santa doutrina na igreja de Santa Maria do Castelo, por amor de Deus!

SIMOA *(corre a beijar o retábulo)* — Salvai-o Deus, bom padre! *(Procura uma moeda que introduz no mealheiro)* Seja pelas minhas alminhas.

PÊRO CARRIÇO (*aproxima-se do frade, contrariado, e beija o retábulo*) — Salve-o Deus... (*E disfarça, sem dar moeda. Pega no balde do leite, e faz menção de sair*)

FRADE (*encara-o, chocalha as moedas no mealheiro e diz*) — Esmolas para a nossa santa irmandade... (*Chocalha de novo*)

PÊRO CARRIÇO (*pára, geme*) — Quereis dinheiro, padre? Qu'ê dele? Pois se os senhores a quem sirvo não me dão moedas há um ror de anos...

FRADE — Não tendes moeda alguma?

PÊRO CARRIÇO — Que saudades! Irmão, fazei cantar de novo as vossas moedinhas.

(Frade chocalha o mealheiro: uma, duas vezes...)

PÊRO CARRIÇO (*encantado*) — O melro não canta melhor!

SIMOA — Irmão, eu dei por mim e por ele... Lançai-nos a vossa bênção.

(Frade lança a bênção, retira-se, agitando a sineta)

SIMOA (*abespinhada*) — A atirar para os ouvidos do irmãozinho que os senhores não pagam! Linguareiro de má raça!

PÊRO CARRIÇO — Há que luas não sinto cócegas
duma moeda na palma da mão!

SIMOA — E a tua pança não se regala com o pão,
a hortaliça e as frutas da courela? E quantas gali-
nhas desaparecem sem saírem dos muros? (*O cam-
pónio tenta responder-lhe*) E o porco que os lobos
comeram, e de que eu descobri uma perna salgada?

PÊRO CARRIÇO (*fulo*) — Falsária! Desbocada!
Intriguista!

SIMOA — Quem te dá trabalho e agasalho desde
que para cá vieste? Não foram os pais da Maria-
zinha que tiveram piedade de ti, perro tihoso?

PÊRO CARRIÇO — Mas quem cava este chão e o
emprenha de sementes e o rega de suores? És tu
com as tuas artes de bruxa manhosa? Quem ceifa
estes campos e colhe o trigo e o centeio, e os
bate na eira? Quem carrega as bestas para o mo-
leiro e do moleiro para a vila? Quem? Quem é o
animal que nunca descansa nesta courela?

*(Pouco antes começa a ouvir-se a vaca leiteira
a mugir e a égua a relinchar)*

PÊRO CARRIÇO — Como estes brutos me conhe-
cem e choram por mim!

FELÍCIA (*aparadeira de 45 anos, metedicha, voz de falsete, entra com um saco*) — Deus esteja nesta casa!

SIMOA (*que não deu pela chegada dela, assusta-se*) — Credo! Mãe Santíssima!

FELÍCIA (*riso*) — Meti-lhe medo, mulher?

SIMOA — Não a esperava, tia Felícia. Entrou tão sorrateira... Até parecia...

FELÍCIA — Uma alma penada?

SIMOA — Quem lhe disse coisa tão medonha!

FELÍCIA — Não trazia destino de a procurar, comadre. Vou ao moleiro com este centeio para meu governo. Mas ao cruzar a vossa azinhaga não fugi à tentação de prantar os olhos nesta casa.

SIMOA — Grandes mudanças vão caber dentro destas paredes!

FELÍCIA — Mudanças?

SIMOA — Não esteja com essa carinha inocente!...

FELÍCIA — Simoa! (*Beija dois dedos em cruz*) Pela minha salvação! Há meses que não estou em Almada! Estive na Aldeia Galega a ajudar a minha cunhada. Cheguei esta manhã no barco do Janota.